

## FILOSOFIA E POESIA EM MARIA ZAMBRANO

Cicero Cunha Bezerra<sup>1</sup>

# ODISSEIA

**RESUMO:** Maria Zambrano é a intelectual espanhola mais importante do século XX. Discípula de Ortega e Zubiri, Zambrano foi capaz de captar o que melhor possibilitaria à formulação de um pensamento, ao mesmo tempo, autônomo e profundo com relação aos seus mestres. Republicana, enfrentou os horrores da Guerra civil espanhola e suas conseqüências sem, no entanto, deixar-se abater. Foi precisamente no exílio que nasceu a obra de que tratarei neste artigo: *Filosofia e poesia* (México: Fundo de Cultura, 2000). Meu objetivo maior é demonstrar, à luz do pensamento de Zambrano, em que medida é possível o postulado de uma razão poética capaz de superar a ruptura estabelecida, com o surgimento do pensamento filosófico entre irracionalidade (poesia) e razão (filosofia), contribuindo, assim, para o estabelecimento de um campo comum em que o pensamento filosófico, mais do que expressão das estruturas últimas da realidade (o Ser), é criação e abertura para o inesperado (Devir).

**PALAVRAS-CHAVE:** Zambrano, Poesia, Filosofia, Literatura

**ABSTRACT:** Maria Zambrano is the most important Spanish intellectual of the 20th century. As disciple of Ortega and Zubiri, Zambrano has been able to understand what would best depict the development of a thought, which is autonomous and profound at the same time, in relation to her masters. As a Republican, she struggled against the horrors of the Spanish Civil War and its consequences, without, however, resigning. It was precisely in her exile that the work analyzed in this article - *Philosophy and Poetry* (México, Fundo de Cultura Económica, 2000) – has emerged. The main objective of this article is to show, based on Zambrano's thoughts, to what extent the postulate of poetical reason is capable of breaking through with the established contradiction between irrationality (poetry) and reason (philosophy), thus contributing to the establishment of a common ground in which philosophical thinking, more than the expression of the final structures of reality (the Being), is the creation and opening for the unexpected (the process of being).

**KEY-WORDS:** Zambrano, Poetry, Philosophy, Literature.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidad de Salamanca (Espanha), Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, Colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia/UFRN e Letras /UFS.

## Considerações iniciais<sup>2</sup>

Que relação existe entre filosofia e poesia para Maria Zambrano? No prólogo da edição de sua obra *Filosofia y Poesia*, a autora faz uma observação que não podemos perder de vista. Segundo a ela, esse livro nasceu de uma *impossibilidade*. Depois de ter cruzado o estreito de Gibraltar em uma longa viagem que terminou em Santiago no Chile, Zambrano decidiu voltar para Espanha justamente no momento em que o republicanismo, regime defendido pela pensadora, perdia sua luta contra a ditadura. Indagada sobre o porquê da sua volta no momento em que sua causa estava perdida, ela respondeu: “por isso mesmo” (1996, p. 9). Mas onde reside a impossibilidade aludida? Meses depois do seu regresso à Espanha, Zambrano viaja para o México e, precisamente, na Universidade San Nicolás de Hidalgo, grande centro da tradição humanista iniciada por Don Vasco de Quiroga<sup>3</sup>, concebeu um livro que, assim como o sonho de Quiroga, é utópico por princípio. É preciso saber que utopia é definida pela autora não como o “sem lugar”, mas como “beleza irrenunciável”. A mesma beleza que a fez seguir o curso da Filosofia desde a adolescência, sentindo-se incapaz de não fazê-lo, foi o que levou ao nascimento desse livro.

Filosofia e poesia, utopias? Filosofia é poesia, utopia? Estas são algumas questões que nos sobrevivem ao lermos Zambrano. Estamos diante do velho conflito entre racionalidade e poesia que parece ter definido o nascimento da filosofia na Grécia desde Platão. É exatamente contra a cisão entre o pensar racional e o poético que nasceu a obra de Zambrano. Dividida em quatro pares de

---

<sup>2</sup> Por se tratar de uma pensadora praticamente desconhecida no Brasil, reproduzo aqui algumas datas importantes da sua vida. Nasceu em 22 de abril de 1904 em Vélez (Málaga). Filha de pais com tendências anarco-socialistas, se mostrou precoce ao publicar em 1914, portanto com 10 anos de idade, o que se poderia chamar de primeiro artigo intitulado *Los problemas da Europa y la paz* na Revista dos ex-alunos do Instituto San Isidro em Segóvia. Em 1921 ingressou no curso de bacharelado da Universidade de Madrid. Conheceu García Lorca e ministrou conferências sobre Nietzsche. Estamos diante de um caso insólito na sociedade espanhola da época, a saber, uma “señorita” estudando filosofia. O contacto com as obras da chamada geração de 98 foi decisivo para a formação intelectual e política de Zambrano. De 1924 a 1927 finalizou os estudos de Filosofia. Foi aluna de, dentre outros, Ortega y Gasset y Zubiri. Em 1928 desenvolveu atividades na Federación Universitaria Española (FUE) e criou, junto com outros importantes intelectuais, a Liga de Educación Social (LES). M. Zambrano participou ativamente de periódicos importantes da época como *La nau* de Barcelona, *La libertad* e *El liberal* de Madrid. Neste período publicou na coluna “mujeres” artigos de cunho político-social em defesa de um feminismo integrador. Também neste período em meio a atos públicos contra o regime ditatorial de Primo de Ribera, escreveu seu primeiro livro: *horizontes del liberalismo*. Em 1931 é nomeada professora auxiliar de Metafísica da Universidad Central J. Caro Baroja, onde mantém grandes atividades intelectuais até o ano de 1933 quando decide, seguindo exemplos de vários outros intelectuais de esquerda, retirar-se da vida pública por ocasião da vitória, nas urnas, da direita. Em 1935 se dedica a obras de autores como Dostoievski, Kafka, Proust. 1936 publicou parte de sua tese sobre Espinoza (*La salvación del individuo em Spinoza*). Participou do Manifesto fundacional da Alianza de Intelectuales para a Defensa da Cultura (AIDC), mas em 1939, com a vitória de Franco, sua família é exilada em Paris onde parte para o México. No México profere três conferências intituladas “Pensamento y poesia en la vida española” sobre as quais escreverá Octavio Paz: “Nostalgia de un orden humano, búsqueda y profecía de un logos lleno de gracia y verdad. Y esta angustia alcanza en María un tenso, hondo equilibrio”. De 1943 a 1945 ministra cursos em Porto Rico e Habana. 1946-48 segue para Paris onde manterá contato com Sartre, Simone de Beauvoir, Picasso e principalmente com Albert Camus. Depois de uma larga instância na França, Zambrano retorna em 1980 a Madrid sob festejos e reconhecimento que culminou, em 1982, com o título ortogado de *doctor honoris causis* em Málaga (aos 78 años) e 1986 com o prêmio Cervantes. Finalmente, Zambrano morre em 06 de fevereiro de 1991 deixando uma importante obra que inclui desde comentários a autores clássicos da filosofia e poesia, obras teatrais como a *Túmulo de Antígona*, até textos de profunda reflexão crítico-social sobre a Europa e Espanha. Os dados bibliográficos foram retirados da página oficial da Fundación Maria Zambrano no seguinte endereço: [http://www.fundacionmariazambrano.org/ver.aspx?p=mariazambrano/biografia\\_1&m=mar](http://www.fundacionmariazambrano.org/ver.aspx?p=mariazambrano/biografia_1&m=mar)

<sup>3</sup> Figura lendária que partiu da Espanha em 1532 e tentou fundar, junto com os índios Tarascos em Patzcuaro, a Utopia da República Cristã de Tomás Moro que seria a carta magna da civilização européia no Novo Mundo.

relações (Pensamento e poesia, poesia e ética, mística e poesia, poesia e metafísica), o livro é um claro ataque contra a lógica excludente do discurso racional que, na esteira do pensamento platônico, definiu e se definiu parmenidianamente como o *caminho correto de investigação*<sup>4</sup>. Diz Zambrano:

A pesar de que en algunos mortales afortunados, poesía y pensamiento hayan podido darse al mismo tiempo y paralelamente, a pesar de que en otros más afortunados todavía, poesía y pensamiento hayan podido trabarse en una sola forma expresiva, la verdad es que pensamiento y poesía se enfrentan con toda grave a lo largo de nuestra cultura (ZAMBRANO, 1996, p. 13).

O fato é que, para Zambrano, nem a filosofia, nem a poesia, por si só, satisfaziam as exigências da sua época. Assim sendo, filósofo e poeta seriam metades marcadas, respectivamente, uma, pela história universal em *querer ser* e, outra, pelo encontro, pelo dom e pela *graça* do *deixar-se ser*. Esta luta constante entre o *logos* filosófico e o *epos* poético toma forma em Platão. Na sua busca incansável pela *Verdade*, a poesia tornou-se, segundo Zambrano, desde cedo *non grata*. Marginal, terrivelmente inconveniente.

Mas como foi possível que aquilo que nasceu da *admiração* (Aristóteles, *Metafísica*, I. 982b), tenha se convertido em pensamento sistemático? Um fato bastante interessante quando pensamos na separação entre filosofia e poesia, consiste em sabermos que o surgimento do pensamento filosófico grego se deu a partir de um campo, muitas vezes desconsiderado pelos comentadores, a saber: o religioso. O problema classicamente definido como “a busca de uma explicação para o real” surge exatamente frente às explicações mítico-religiosas. Responder à pergunta “o que é o real?” levou, segundo Zambrano, a filosofia a romper com a conjunção até então existente entre o homem e o sagrado. Com a filosofia se extinguiu, em certa medida, a adoração. Ao indagar sobre a natureza última das coisas a filosofia estava colocando critérios como se dissesse “basta de deuses e estórias” (1993, p. 68).

Para Zambrano, no seio da separação entre filosofia e poesia reside a *violência* como força intrínseca ao pensamento racional. O que isso quer dizer? Se lermos a famosa passagem do livro VII da *República* de Platão (o mito da caverna), veremos que a saída do *mundo das sombras* para o *mundo das idéias* tem como princípio um *esforço violento* de rompimento das amarras. Violentar-se para libertar-se interpreta Zambrano:

Y así vemos ya más claramente la condición de la filosofía: admiración, si, pasmo ante lo inmediato, para arrancarse violentamente de ello y lanzarse a otra cosa, a una cosa que hay que buscar y perseguir, que no se nos da, que no regala su presencia (Idem, p. 16).

É importante observar que esta busca implica persistência e um rigoroso método. O *tzaumasein* (o espanto, a admiração) se submete à violência. Seguindo seu mestre Ortega, Zambrano lembra-nos que a atitude filosófica implica responsabilidade para com suas palavras. Nisso reside uma das grandes, se não a maior, característica que separaria filosofia e poesia: o poeta não oferece razões para suas razões.

A filosofia retirou o pensamento do abismo ilimitado (*apeíron*) do qual se nutria a poesia. Platonicamente diríamos que os poetas foram aqueles incapazes de olharem as folhas, não como folhas, mas a partir da folha *verdadeira*. O mundo ideal para eles era uma *verdade muito trabalhosa*. Preferiram manter-se fiéis à admiração extática. Noutra palavras, o que os filósofos buscavam, os

---

<sup>4</sup> O próêmio *Peri Physeos* de Parmênides de Eléia é, sem dúvida, a primeira formulação do Ser como pensar racional.

poetas já possuíam. Um mesmo desejo, mas dois *Eros*: o filosófico (Transcendência) e o poético (aparência).

É importante observar que isso não significa dizer que o poético não possa ser transcendente ou que o filosófico não possa pautar-se nas aparências, mas que a luta travada pela filosofia, desde sua origem, com raríssimas exceções, foi uma luta contra o mundo fenomênico. *Não há ciência do mutável* sempre foi o lema condutor do pensar platônico-aristotélico. Diz Zambrano:

Y era ésta la gran necesidad humana implicada en el problema del ser; vencer por la visión esa oscura resistencia de lo sagrado, desentrañar dentro de Ella la pura esencia que siendo hace que cada cosa sea; descubrir al final al ser que hace ser ( Idem, p. 77).

Neste sentido, a filosofia teve como raiz o desarraigamento, o salto, o desprendimento. Não foi por casualidade que o cristianismo absorveu a filosofia grega e a tomou em seu aspecto mais próximo: o ascético. Paradoxalmente, razão e ascetismo nasceram de uma mesma condição, isto é, do martírio do intelecto frente à vida. A constatação da impossibilidade, por parte da razão, em abarcar o real sentido do mundo, levou o filósofo a lançar-se no além mundo. O poeta, por não reconhecer limites entre mundos, permaneceu fiel a terra. O próprio Platão é, para Zambrano, a imagem radical deste salto. Platão, como relata Diógenes de Laércio, rasgou suas poesias quando conheceu Sócrates.

Aquele que havia, talvez, nascido para a poesia se decidiu pela filosofia? A conclusão dramática do *Fédon* é a imagem mais clara da luta socrático-platônica que embora fiel ao método da racionalidade, conclui o diálogo afirmando o que há muito os poetas já diziam: viver é preparar-se para a morte. Mas o poeta não podia chegar aí. Era preciso que a filosofia nascesse para mostrar a unidade dos argumentos. Os poetas, ironiza Zambrano, não, eles não se interessavam pela unidade. Esses imorais! Os filósofo, ao contrário, possuidor de um caráter forjado pela virtude, esses sim, eram os fundadores da distinção entre ser e aparência.

É preciso salvar as aparências por meio da unidade subjacente, diria Platão, mas o que o filósofo talvez não percebeu foi que a poesia funda a unidade na ação criadora das palavras com uma importante diferença: a unidade poética não está oculta, mas presente, encarnada (Idem, p. 22). O grande problema que seguramente não se coaduna com a reflexão filosófica, pelo menos a da ontologia tradicional, é que, para o poeta, a realidade não somente é o que é (o ser), mas também o que não é (não ser). Afirma Zambrano: “*todo tiene derecho a ser hasta lo que no ha podido ser jamás*” (Idem, p. 22). Dito de outro modo, o poeta não teme o nada.

Maria Zambrano coloca em xeque a clássica afirmação aristotélica de que “*todos os homens desejam naturalmente conhecer*”, mas que conhecimento é esse, o filosófico? Aquele que somente uns poucos o alcançam? A poesia, humilde em suas raízes, não se coloca como desejo natural de todos. E mais, é uma e distinta para cada um. Se a filosofia buscou, desde suas origens o “*Uno superior a todo ser*”, a poesia, por não crer na verdade, a verdade que parte da distinção entre mundo verdadeiro e ilusório, se satisfaz com a elasticidade de uma visão de mundo que quase desaparece em si mesma; lembremos que as Musas dizem verdades e mentiras...

Platão, segundo Zambrano, condenou a poesia exatamente pelo fato dela não ter método nem ética. Como pensar em verdade e justiça a partir de uma visão de mundo em que o ser se confunde com o não ser? A poesia é contra a justiça porque é contra a verdade, diz Zambrano ao pensar a crítica platônica na *República* (Idem, p. 28). Justiça é o correlato de ser. Lembra-nos a autora que é preciso observar que nem sempre justiça e ser estiveram associadas. Anaximandro, filósofo anterior ao espírito racionalista socrático-platônico, pensou o mundo a partir precisamente da injustiça.

O ser se dá como reparação mediante a ordem do tempo. Dito de outro modo, o *apeíron*, o indeterminado, sendo o fim de todas as coisas condena a *determinação* ao âmbito do injusto. Heráclito também pensa o ser mediante a luta de contrários. Unidade somente no todo não *no* ser. Mas para Platão, esta experiência do pensamento anterior não era clara. Não expressava, do mesmo modo que a filosofia, a verdade constitutiva da realidade. A poesia finge, não porque minta, mas porque *é a mentira* (Idem, p. 30).

Assim, ser, razão e realidade formam uma unidade que exclui o poético. No fundo, é o esforço por superar o pessimismo, a melancolia, a angústia que fundamentam a tragédia grega e, o poeta,

como agente que fomentava a desordem na alma, era a única voz do passado trágico e melancólico a ser superada. (Idem, p. 33). Nisto reside a grande promessa platônica que será, posteriormente, absorvida pelo cristianismo, a saber, que a filosofia liberta o homem. A poesia, diz Zambrano, é realmente, o inferno (Idem, p. 33). Inferno entendido como “o lugar onde não se espera”, posto que não há salvação e, conseqüentemente, não há esperança. Embriaguez e canto contra “razões” para a morte. Este embate entre *entrega e renuncia* é o que demarcou o espírito cristão-platônico.

O filósofo, para Zambrano, é vigilante. Jamais dorme. Viver é, assim, cuidado e preocupação. Enquanto que o poeta, que encara a vida sob o prisma melancólico das aparências, permanece condenado, o filósofo se salva pelo caminho do entendimento. É importante ressaltar que não se trata de uma visão romântica do poeta, mas do reconhecimento de que entre a racionalidade e a lei que parecem, pelo menos no pensamento antigo, libertarem o homem do sofrimento e da dor, na poesia ocorre exatamente o contrário. A poesia, principalmente a trágica, é, diz Zambrano, dor e sentimento. Funda a memória das “nossas desgraças”.

Seria, portanto, imoral a poesia? Seguramente, para Platão, o poeta ao imitar exemplos reprováveis de deuses e heróis não se enquadra no projeto de uma educação virtuosa, no entanto, para Zambrano, a ética do poeta é seu martírio, isto é, sua entrega completa à vida e ao fazer poético. É na vida, a cada instante, que o poeta encontra sua redenção e, neste sentido, é na *carne* e não no *ser*. Platão estaria correto ao classificar os poetas de imorais exatamente porque a poesia não busca tomar decisão frente à aparência. É imoral, diz Zambrano, como a carne mesma (Idem, p. 48).

A mesma carne que desencadeou a paulina batalha pela pureza da alma é a carne que o *logos* filosófico não reconheceu como racional. Embora os gregos não ousassem desvalorizar a carne, o espírito platônico racionalista, permitiu a formulação cristã da libertação, pela via da ascese, desta prisão que é o corpo. Conversão foi o sentido que assumiu a filosofia pela dialética. Conversão à unidade, mas também, ao que está além.

O bem como fundamento de toda realidade não podia culminar em algo distinto de um pensamento ascético-místico. E foi exatamente este o sentido que a filosofia, na herança platônica, promulgou ao logo de todos os primeiros séculos da nossa era. A “loucura da carne” transformou a poesia em heresia. Diz Zambrano: “*Cartasis y dialética no son sino médios para llegar a ser*” (Idem, p. 58).

Sentencia Zambrano: Platão fez teologia. Seu abandono da poesia se deu como prerrogativa para a formulação de um projeto filosófico em que o *terreno* e o *transcendente* convergiam para um mesmo fim, a saber: a justiça. Teologia e mística, ou melhor, mística da razão. Frente à *mimesis* poética que multiplica e corrompe a alma humana ao fomentar as paixões e os vícios, Platão propôs sua dialética conversora. O amor desempenhou um papel fundamental nessa fusão entre filosofia e teologia. O amor é o que unifica a dispersão da carne.

A filosofia como caminho de otimismo e saída para a fatalidade contraditória de um pensamento que não busca aniquilar, mas habitar o mundo em luta constante *com* e *pela* carne. É curioso a comparação feita por Zambrano entre o poeta e o filósofo a partir de dois aspectos contraditórios, ou seja, para o filósofo pensar é buscar aquilo que lhe falta, ou seja, é marca da *carência*. O poeta, por sua vez, nada na abundância e no excesso. Diz ela: “*Perdido en la riqueza, ciego en la luz*” (Idem, p. 64).

É importante ressaltar que, pese as críticas platônicas, a poesia, graças ao aspecto erótico cultivado pelo neoplatonismo, pôde sobreviver e conviver dentro da cultura ascética do cristianismo. Inclusive a “mulher” foi salva por Platão, já que a busca pela amada se deu graças à idealização do feminino. Neste sentido, a poesia finalmente se encontrou, na Idade média, com seu maior rival e conviveu harmoniosamente. Seriam inúmeros os exemplos, de pagãos a cristãos como San Juan e os grandes místicos medievais. Um amor que, por suposto, não é visível, mas é “ausência” e desejo. O medieval e o Renascimento são expressões máximas do platonismo cristão convertido em poesia:

Oh cristalina fuente  
Si em esos tus semblantes plateados  
Formases de repente

Los ojos deseados  
Que tengo em mis entrañas dibujados.

Para Zambrano, pese a depreciação que Platão possuía pela poesia, seu pensamento, marcado pela busca insaciável da unidade, foi decisivo para a elaboração de obras como *A Divina comédia* que seria a expressão máxima, segundo Maria Zambrano, da unidade entre poesia, religião e filosofia. Uma unidade que posteriormente se converteu no projeto moderno, denominado pela autora de *metafísica da criação*. Um projeto marcado, forçosamente, pela teologização do pensamento filosófico.

A modernidade, que teve como característica a busca incansável pela fundamentação do conhecimento, converteu o homem em imagem e semelhança de Deus. Dito de outro modo, o projeto de autonomia do sujeito e da consciência era um programa “francamente religioso” (Idem, p. 78).

Neste sentido, a história da Europa moderna está marcada por uma arte que era expressão pura do absoluto: o Romantismo. Nele, tanto a filosofia quanto a poesia foram pensadas como expressões máximas de uma transcendental revelação (Idem, p.79). Victor Hugo, Novalis, Hölderlin, diz Zambrano, todos “jovens deuses desterrados” (p. 80). Foi preciso esperar uma nova geração que fosse capaz de pensar o homem como uma criatura consciente e capaz de purificar e recolocar as coisas nas suas devidas proporções. Baudelaire e Kierkegaard, livraram o pensamento deste terrível pecado que foi o Romantismo. Afirma Zambrano: “La luz se ha hecho de nuevo, volvemos a la tierra” (Idem, p. 81).

Baudelaire e Kierkegaard, paradoxalmente denominados de pensadores-poetas, romperam com a fusão entre filosofia e poesia. Libertaram a poesia do imperialismo filosófico. O poeta, ao contrário dos românticos, não pensa desde a sua inspiração, mas interpreta sua inspiração como trabalho (Idem, p. 83). Vejamos esta passagem: “El poeta se basta con hacer poesia, para existir; es la forma más pura de realización de la esencia humana. (Idem, p. 84).”

O fato é que, para Zambrano, poesia e metafísica se tornaram inconciliáveis, ou melhor, independentes. O poeta encontra sua ética e sua teoria, não na filosofia, mas no seu poetizar. Um poetizar que tem na angustia sua raiz mais originária. Frente à sistematização moderna com seus castelos de razões, a angustia se revela como atividade, como princípio da vontade. Uma vontade que requer solidão e que se define como anti-contemplativa e singular. É importante ressaltar que a angustia aqui diz respeito ao próprio ato de criação, isto é, à impossibilidade de fuga da própria existência. O fazer poético é definido como uma busca pela origem enquanto que o filosófico estaria marcado pelo “si mesmo”. O *conhece-te a ti mesmo* é distanciamento.

Outro ponto importante na distinção entre filosofia e poesia diz respeito a história, isto é, filosofia e história andam juntas em direção ao porvir; a poesia, ao contrário, desfaz a história em função do sonho primitivo (Idem, p. 99). Este movimento de retorno é, no fundo, temor e melancolia frente o “terror de ser”. Observa Maria Zambrano: “El poeta acosado por la gracia, temeroso y esquivo: Tragedia, agonía del que tiene y se espanta de tanto tener, de acabar de tener al fin (...) (Idem, p. 107)”.

Finalmente, deserto e vazio são as marcas de uma existência que não se define como possessão, dado que ninguém chega a possuir a si mesmo nem coisa alguma, por menor que seja. O mistério, para o poeta, reside no fato de que nada no mundo é apreendido, nem as coisas nem a si mesmo. Se fosse possível reunir tudo em um só momento, corpo, alma, pensamento, ainda assim, faltaria a tão almejada unidade (Idem, p. 109). O poeta soube antes do filósofo e, por essa razão, o que pareceu injustiça aos olhos de Platão, era sabedoria. A poesia se separa da filosofia exatamente porque o poeta não quer conquistar nada, mas oferecer (Idem, p. 111).

É importante observar que do mesmo modo que a filosofia e a poesia se separam, pelo fato da primeira ter partido da origem e se lançando em um projeto de consumação da totalidade do real mediante a lógica da razão, elas convergem quando pensamos que tanto a experiência do poeta quanto do filósofo se dão no seio do universo, isto é, abraçando as coisas. A diferença está, no entanto, na ausência de um método, no caso da poesia, que priorize a distinção entre ser e

aparência. O esforço poético, desde sua origem, esteve marcado por duas inefabilidades: a que marca as coisas mais próximas (carne) e a que permanece distante, mais além da própria razão.

Ausência e presença compõem o jogo no qual as coisas aparecem submergidas no fluxo do tempo. Nisto reside o milagre de todos os milagres, a saber, sentir o *status nascens*. Quase que em linguagem heraclítica, Zambrano finaliza sua obra *Filosofia y poesia* afirmando que a poesia não pode estabelecer a si mesma, não pode definir-se a si mesma. Não pode, em suma, pretender encontrar-se, porque, então, se perde. (Idem, p. 121).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ZAMBRANO, M. *Filosofía y poesia*, México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

JIMÉNEZ, J. D.: *Los senderos olvidados de la filosofía. Una aproximación al pensamiento de María Zambrano*, Madrid, Religión y cultura, 1991.

LABRADA, M.ª A.: *Sobre la razón poética*, Pamplona, EUNSA, 1992.

MAILLARD, Chantal: *La creación por la metáfora. Introducción a la razón poética*, Barcelona, Anthropos, 1992.

ORTEGA Y MUÑOZ, Juan Fernando: *Introducción al pensamiento de María Zambrano*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994.

REVILLA, C.: *Claves de la razón poética. María Zambrano: un pensamiento en el orden del tiempo*, Madrid, Editorial Trotta, 1998.

AMORÓS, Andrés, Zambrano-Valente: la palabra, lugar de encuentro, *Litoral* II/124-125-126, 1983, pp. 63-74.

ORTEGA MUÑOZ, J. F. *Filosofía y poesía en María Zambrano, Filosofía y poesía*, Fundación Fernando Rielo, Madrid, 1994, pp. 31-52.